

A COMEDIA SOCIAL

Advertências

Acceptam-se, pagando-se no caso de o existirem nos annos, artigos de accordo com o programma da folha.

Os artigos serão pagos logo que forem publicadas, sobre o valor arbitrado pela redacção.

MAR 19. JANEIRO, 17 DE FEVEREIRO DE 1870.

Publicamos a seguinte carta de um JOVEM esperancoso redactor de humilde condição de vendedor de bilhetes de loteria, e chamamos sobre ella a attenção de alguns d'esses philantropos modernos que mostram tanto e tão incangavel energia em—pedir dinheiro a outros para remediar males—imaginarios? E em quanto o dinheiro que os ditos philantropos assim sugam do publico não chegar para mais do que cobrir suas despesas particulares com a construcção de palacios, compra de cavallo de raça ou outras que taes desastrosas, desrealizamos ao nosso correspondente que curvo-se por algum tempo ao jugo da fatalidade, e empregue seus talentos brilhantes em fazer experiencias subordi- nadas ás aspirações de seu pai, para mostrar practicamente que ellas são disparates.— A REDACÇÃO.

SR. ANATOLIO.—Tenho a liberdade de escrever á V. para queixar-me de minha sina; ou antes, quero protestar contra a injustiça dos principios que regem os successos deste mundo, a qual fica claramente demonstrada pelo mau exito de todos os planos que tenho projectado. (1)

Em primeiro lugar fique V. sabendo que não sou tolo. Não, senhor! Pelo contrario, posso qualificar-me mesmo de esperto. Em prova d'isto basta dizer que não tenho nenhum dos preconceitos absurdos com que os tolos põem obstaculos em seu proprio caminho, e aos quaes certo que elles dão o nome ridiculo de—escrupulos de consciencia.

Meu pai, que era aliás homem muito respeitavel, tinha, como todos, seu lado fraco; e era justamente estes preconceitos de que lhe falto. Lembra-me bem (e não posso deixar de ric-me com a recordação), de que o bom do velho sustentava com fervor especial, que o trabalho era o unico meio seguro e justificavel de ganhar dinheiro, e que não convinha empregar um acto perverso nem mesmo d'avidioso, para conseguir o bom. V. já viu vistas tão acabuladas e ridiculas?

Eu ainda não, palaxto do honro! Felizmente, porém, para mim, tinha companheiros melhor instruidos, que logo me ensinaram a não fazer caso de semelhantes asneiras.

Se não fosse isto, talvez eu ficasse tão maluco como meu pai, e não chegasse a ser mais que um pobre diabo de fazendeiro.

(1) Não estranhem os leitores que nesse correspondente fosse levado, pelo malguro de seus desejos, a condemnar os principios que regem o mundo. Tem para isso o exemplo de muitos que se chamam philosophos.

X. do R.

(2) que se conhece do mundo a extensa circumscripção de algumas leguas em roda de sua fazenda.

Quando meu pai morreu, deixou-me alguma coisa melhor do que seus conselhos: aquillo com que elles se compram, e que me resolvei a empregar em combater o mundo. Esta especie de estudo custou caro, e em poucos annos tinha eu convertido todos os cobres, terras e escavos do bom velho em sabedoria moderna, á la mode.

Em tempo, pois, de tirar algum fruto da minha insensação. Metti-me na politica. Havia dous aspirantes a um lugar de deputado; um era maluco á maneira de meu pai; o outro era muito esperto. Fallava a vapor, mentia a telegrapho electrico, e não despezava muito algum, que se apresentasse, para adquirir mais um voto. Assim, não fiquei embasgado em fazer minha escolha. Fiz logo um conclavo com o segurado, que me promettera, caso fosse eleito, arranjar-me um bom lugar n'uma das secretarias d'estado, com grande ordenado, e sem nada que fazer, excepto oppor-me cegamente a todas as projectos de utilidade para o paiz, nos quaes eu tivesse de intervir, e tecer intrigas contra o tal ou qual empregado que mostrasse zelo e habilidade no serviço.

A eleição foi bem constada, mas, graças ao empenho de diversos instrumentos n'actuaes, como capangas, guardas nacionais, policia, etc., e igualmente de alguns instrumentos novos como a mentira, a lisonja, o dinheiro (3), e as mais prendas proprias de um *honre em politica*, ganhamos a victoria. Já sonhava a vida de empregado publico, quando a fatalidade que sempre me persegue, veio destruir todas as minhas esperanças! No dia seguinte áquelle em que sonhava do resultado da eleição, o meu distinto amigo, o nobre deputado (que pelo nome não pecca), lingu que não me conhecia quando encontramos na rua!

Porém vingui-me. Tinha ainda em meu poder algunos orobos, que elle me havia dado para occorrer ás despesas da eleição; cobrei o dinheiro e segui para a corte.

Chegando aqui fiz uma brilhante estréa, e fui logo reconhecido como um dos chefes do bom tom. Cercaram-me amigos, porque gostei de dinheiro, ou, mais exactamente, promessas de dinheiro, com a maior prodigalidade.

Estava para casar-me com a filha de um rico negociante do campo secco, quando, zas! appareceu de novo a Sen. D. Fatalidade; desta vez na forma de um maldito crestor da minha provincia, que teve a estupidiz de contar todo o meu passado, e assim paralisou a unica esperança que tinha de cobrar a sua dívida!

Depois empolemei! uma serie de projectos, cada qual mais vantajoso. Um d'elles era um plano de enriquecer toda a nação por meio de uma grande casa de jogo; e outro de pagar a dívida do estado mediante numerosas amortisações arbitrarías e vexatorias do suas notas. Mas, ai de mim! sempre a mesma fatalidade! O unico projecto que pegou foi o da amortisação, que o governo adoptou, mas não teve a coragem de levar ao cabo.

Agora, Sr. Redactor, acho-me reduzido por uma fatalidade mysteriosa, e pela ingratidão de meus paes, a sustentar este pobre mechanismo phisico, mental e moral chamado *Ea*, com a venda de bilhetes.

(2) Pediamos aos nossos leitores que não tomem a rua parte que um homem, e devido a ganhar pelo vendendo bilhetes de loteria, falle com tanto despeso de viado de fazendeiro. Ha muito d'isso no mundo.

N. do R.

(3) A e Victimia da desgraça não é a unica pessoa que consiga o dinheiro em instrução moral.

X. do R.

mas não diga isso com a venda, de bilhetes de loteria!! Deixo no esclarecido juiz de V. decidir, se não fiz tudo quanto posso fazer um homem de talento, grande pelas vistas mais largas e que mais prevalecem, e se não tenho direito de queixar-me da minha sorte.

Uma Victimia da Desgraça.

REGADOS DE AMIGOS

DIALOGO

Um escravo amoroso.

Um ministro encontra seu fiel criado— Thomé— no acto de enforcar-se.

Ministro— O que estás fazendo, pateta?

Thomé— Vou-me enforcar, por amor de Vm.

Min.— Por minha causa?

Th.— E' verdade, meu senhor. Todo o mundo diz que se as coisas acaulessem como deviam, Vm. havia de ser enforcado. E Vm. o mence por ter rosbido e enforcado o paiz. E agora para espisar sua falta, eu vou me sacrificar em seu lugar.

Min.— Não faças semelhante tolice, Thomé! Seria muito caro o sacrificio. Tu vales bem dous contos de reis!

Th.— Deveras! Eu não me lembrava d'isso. Pois se eu valho tanto, Vm. não vale um vintim. Vou agarrar o velho Padri (o cão da casa) e enforca-lo em seu lugar. Será melhor assim.

Pal João e Tobias, politiceando na venda.

Tomas— Qual é differença, pai João, entre conservador e liberal?

Pai João— Animal, vou-te explicar em poucas palavras: se bítaras um presunpto a teu senhor e ficases com elle, és conservador; e se um outro vem e toma de o presunpto, esse é liberal.

Tos.— Hum!... Mas então o que é o se- nhor, a quem furdaram o presunpto?

Pai João— Oh! Esse cotado, é um patão que accedida na constituição; can-o o homem nacional, e tem licença para ir brigar no Paraguay.

Tos.— Então parece, que o melhor era ficar conservador e comer calladinho o presunpto antes que chegasse o liberal real.

Pai João— Lembra bem, rapaz; com esse adiantamento és muy capaz de vires a ser ministro.

Dom Q. em audiencia do ministro da...

Ministro— Em que posso servil-o, Dom Q.?

Dom Q.— Exm. V. Ex. conhece meu filho F., conseguiu elle a carta de dr. mas é tão horrivelmente estapido que não descubro occupação para elle.

Min.— Ora!... isto, nunca foi obstaculo. Eu o arranjaré na secretaria; alli ser-d'um lizeiro.

Dom Q.— Ainda ha uma difficuldade, Exm.: elle tem o debito de gostar muito de intrigar.

Min.— Oh! tanto melhor.—Está com a carreira feita. A 1.ª vaga de official é d'elle.

Scipião e Cesar.

CESAR— Estás com jum-ary Scipião, que pãras em gelo senhor?

Scipião— Então! pãras tu que son qual-quer coisa?

Cesar — (com sorriso de incredulidade) O que é que podes fazer de um bofeiro? Scario — (com empolgo) Estou á testa da secretaria da agricultura —

Cesar — Como é possível isso? Scario — Nada mais simples. Sou o cocheiro dos empagatos superiores; e como elles se sentam atraz de mim no carro, estou á frente d'elles: persegues?

Cesar — Mas as bestas estão na tua frente.

Scario — E' verdade. E' o principio regulador na nossa secretaria; que as bestas dicijam e caminhem: e ellas seguem o ministro.

O Rei e a verdade

Quiz um justo soberano Da verdade o rosto ver; Pois é coisa mui constante Pelos paços o semblante Desconcerto, ella não ter.

Com desejo mui sincero D' exprimir-lhe o que sentia, O justo rei ordenara, Descoberto fosse a cara, Daquelle que não mentia.

Logo a corte em alvorago E confusão se levanta; Ministros e antigos aios, Velhas damas e lacaios, Ningum mais soari nem canta...

Tal é o meio de ver Da deusa austero semblante, Que foge todo apressoado, Deixando despovoado Todo o paço n'um instante.

Abandonado e mui triste, O rei assim fallou a dama: — Será verdade, princesa, Que no mundo a realisa Amigos só tem de fama?

— Não, lha responde a verdade, A bello face mostrando, Amigos centos da c'ria Existem, poram á toa, Vivem do esmola chorando.

Aristophanes.

Antes Assim que Pôr!

Conclusão

— Ah! d'esse um lesto, é bem certo, Sempre e em tudo, longe e perto Da capital do Brasil, P'a grandes ruindades mil Tem o vil, tratado e esparto tão Eden, um « céu aborto! »

— Mesmo agora, quanto á guerra, Lá = dinheiro = como terra Tem ido tant' a ganhar! Ao passo que anda á esmolar Mesmo o soldado que á sanha Da guerra foi, fez campanha!

— Quanto caboga hoje erguida, Que sómente a guerr' o explica, É a espezanço, traplão! Lá e cá na miriada lida E' p'ra unsloguicos a vida, P'ra outros grand'os, folgança! Mas... é justo, ora na p'ruca Convém ter: — nada de levas! Honra e pudor... são p'cherias! Co'ra q'nto tudo se aleaga!

— Hoje a razão se entibia: Tudo entre nós se atrophia! A' vista do pessimismo,

Que entre nós o patriotismo, Nas coisas mais seitas mostra, Que cada vez mais nos prosta;

— Hoje, sim, que ha funcionarios Species, extracordinarios Que a guerra faz necessarios (bizses) — por motivos varios... Seus luozos pecunarios Doem nos publicos erarios!

— Muito bem! (exclama ainda Um exasperado) = figuram Neste imperio, e desaturam Tudo, e entando de berlinda, Muitos, que materia similica P'ra o ridiculo forcem! Os fozas que se engrandecem Hoje em publico scenario (Fauto não paço ordinario) En cá sei o que morecem...

— As posições elevadas Out'ora bem preenchidas, No presente = concedidas São as pessoas amadas, Em geral, inhabilitadas: Impura e pestifera; D'alli o burriq'ndio! Esporas celeberrimas: Reluzem, quozs summidades: Exhibe-se alto o eyasmo!

— Que epocha desvirtuada! Nella impõe essa causa gente Malvada, ou vel, insodada! — E ainda isso é pouco, é nada! (Um algomo) = abençoada Essa era é p'ra os sujeitos Que estancam do patria os peitos; Patriotas se acclamando! Ah! — tudo vai destructando Quando sabe ageriar os greitos!

— Alto! (brando) que diseste Não mais fustigues agora! Soltar pela boa fora Quão se sente — compromatto! Apaga! só nos compete Ver, ouvir tudo, e calar! Bem signal se deve dar De que se pressa o que é bom! Isso sim! que mudado o tom, Quando não = manho burgar!

— Ado-se a ordem do dia, E pois a p'ruca lida! Erubom sobrem razões P'ra dar-se só taes quinhões. Dizei, emfim, confidando: E' misero o nosso estado! Mas... adis malis o mentir! ANTES ASSIM QUE PÔR!

Pae.

O QUE VAI POR AHI

Agita-se hoje nas altas regiões do estado uma questão importante. Depois da famosa *pepiniere* da dousa da alfândega, ali está a navegação a vapor desol' o Para até Matto Grosso.

E' uma succulenta *fatia* que o governo tem para algum filibote predilecto.

A 31 de dezembro do anno passado terminou o prazo marcado pelo governo para o recebimento das propostas, e a abertura d'estas, em numero de seis, teve lugar a 10 de janeiro ultimo.

Por que não tem, pois, o governo decidido esta questão, permitindo que continue o serviço a cargo da companhia brasileira, apesar das queixas que, vez em quando, se levantam de todos os lados, queixas que já tiveram echo na camera dos deputados pelas vózes potentes e sonoras dos Srs. Pereira da Silva e Andrade Figueira?

Diz-me pessoa que me parece bem infor-

mado que o *busido*, o negrimento da questão está em que o Messias regenerador quer dar essa *fatia* ao compatriota conselheiro, presidente da companhia brasileira.

Quando me decam esta noticia, eu perguntei a mim mesmo a razão porque o governo publicou editais, marcou prazos, recebeu propostas, *encomou*, em summa, os que se candidataram em apresentar propostas, e se não foram mais decaute proceder como no negocio da dousa, que, *qualado* se estremsou, era um facto consuetudinao? Eu não não lembrava que o governo tem obrigação de dar motivos para que este bom povo pallete nas suas horas vagas que ante á forma do presidente da companhia brasileira *deca* se tudo.

Voltemos ao assumpto logo que se decida quem é o *faz* *presentado*.

Da Franca chega-nos a noticia de que Rochefort foi condemnado a seis mezes de prisão e 10,000 francos de multa, por abusos commettidos na imprensa.

Esperamos pelo proximo paquete para ver o que fazem os príncipes Pedro Bonaparte pelo assassinato que commettiu em seu príncipe palacio.

Será condemnado ou absolvido? Apeto pela absolvição.

Eu quero ver agora o que dizem os incredulos a respeito da virada dos voluntarios da patria.

O Jornal do Commercio, cujas noticias são mais officiaes do que as do proprio *Diario Official*, diz-nos que já deva estar em camillo para esta corte uma brigada, ao mando do coronel Faria Rocha, *passado* que em pouco tempo se deca: tamar-se sóbado a boa soldado.

Venham os voluntarios, que o povo arde por victorial-os.

Vou consignar uma noticia triste. Falleceu e sepultou-se homem o Sr. visconde de Jequetinhonha, senador do imperio e conselheiro d'estado.

Com a morte do Sr. visconde ficaram duas boas *fiestas*.

Quem será o conselheiro? Quas os cavalleiros que compoem a lista tripleto?

Eu já ouvi dizer que o Sr. conselheiro Tagares (telegrapho) anta-hontem para Petropolis ao Sr. Cotegipe, pedindo para ser incluido na lista, e que para idéntico fim não tem devido a porta do Sr. (Laboraby.)

A Reforma, comprindo fielmente a sua missão de folha opposicionista, não ha dia em que não denuncie factos graves commettidos pelo governo ou por seus propostos.

Ainda hontem entretive-se ella com o Sr. ministro da guerra, relativamente ao procedimento do S. Ex. com os officiaes que aqui se acham licenciados, passando verdadeiras *privades*.

A Reforma é desmarrada; os officiaes em questão são *barraoires* que já deram caído; a guerra está acabada; não ha mais necessidade d'elles, e, pois, annuiprise como p'derem, sustentem-se do vento como os camaleões.

Ao quinta-feira.

F.

Bom dia — Envia-mo a Leitônia um livro, pedindo-lhe que desca a suoropi não decam d'elles. Foi esta a resposta do grande philosopho allemão:

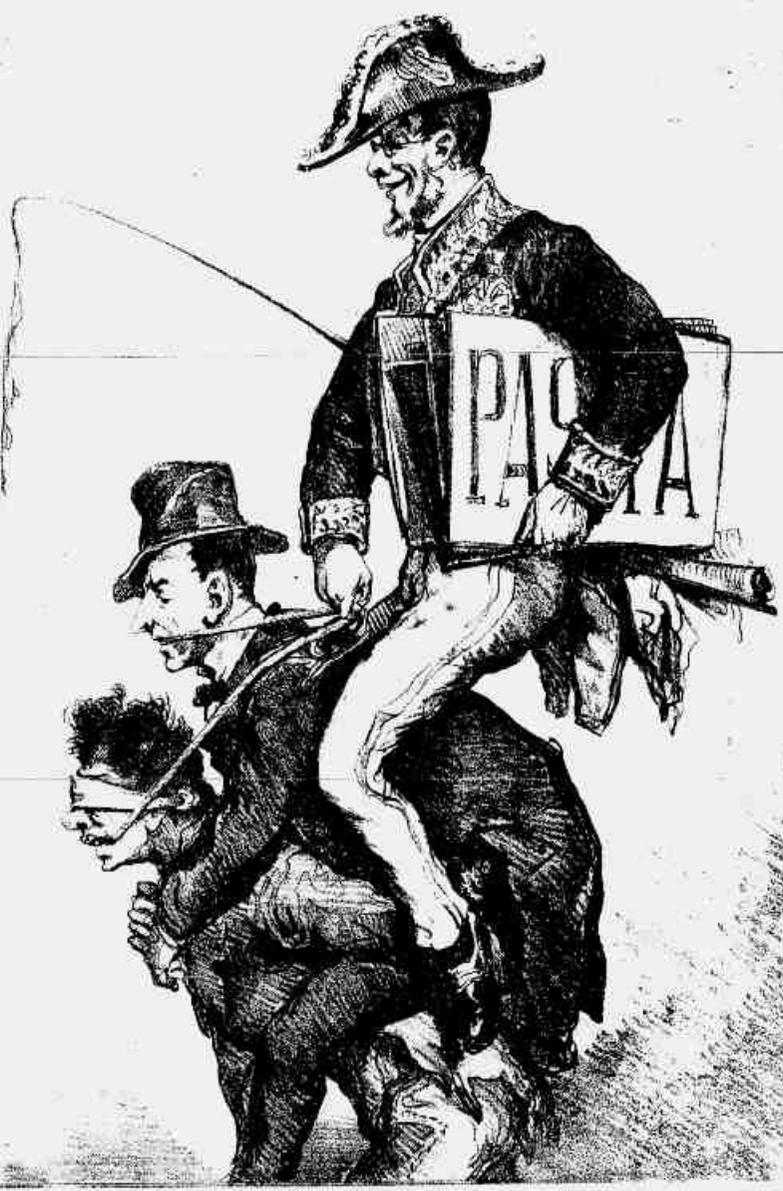
— Este livro tem muitas coisas boas e muitas coisas novas. O povo e que as novas não são boas, e que as hjas não são novas.

Ho tanos yssim!

Typ. Ravi d'Ajuda V. 10, fim do Janeiro.

OBRIGADO POR VOS
 NÃO SEI O QUE É
 OBRIGADO POR VOS
 NÃO SEI O QUE É

-MORRERÁ DE JACINTO!
 OBRIGADO POR VOS
 NÃO SEI O QUE É
 OBRIGADO POR VOS
 NÃO SEI O QUE É
 OBRIGADO POR VOS
 NÃO SEI O QUE É
 OBRIGADO POR VOS
 NÃO SEI O QUE É



Os partidos do Povo

o povo — Para vai a néca, a quarenta e oito annos que as carregas sem reconhecer ao menos o meu caminho.



Um liberal:—Meu querido Lord, isto de conservadores é peor do que...
 Um conservador:—Só tudo quanto quizeras menos liberal que isto de
 liberais é uma sócia que não tem respeito nem a governo, nem a no-
 breza, nem a nada!